

Odisseia medicinal

Algum tempo atrás, eu tive a oportunidade de estudar ao profundo o sistema de saúde brasileiro. Aconteceu depois de uma viagem que eu e um amigo meu fizemos para a Paraíba. Ele visitou os parentes dele e me convidou para acompanhá-lo, para conhecer este pedaço de terra do Nordeste. Na volta para casa, descobri um caroço na minha virilha direita. Esperei duas semanas, observando o inchaço e confiando no fato que a maioria dos problemas de saúde se resolve sem a intervenção de um médico. Mas o caroço ficou.

Enfrentei a fila no hospital público da minha cidade. A médica clínica que me atendeu dividiu a minha opinião que esta íngua era em fato objeto de preocupação. Ela não hesitou em receitar uma injeção dolorosa de uma mistura aprovada de antibióticos e me aconselhou voltar, se a situação não melhorasse. Depois de uma semana, eu estava de novo na fila do hospital, esta vez com um gânglio inguinal menos inchado, porém duro e doendo.

Neste momento, tenho a obrigação de mencionar que no hospital da minha cidade é impossível marcar uma consulta, nem pessoalmente nem por telefone. Quem chega primeiro é atendido primeiro, caso o médico apareça. Uma pessoa do primeiro mundo não entenderia o movimento de pessoas que há em frente a este hospital diariamente, já antes das cinco horas da manhã.

Constatando o sucesso reduzido da intervenção aplicada, a médica decidiu entregar meu caso ao urologista do mesmo hospital. Este me mandou fazer exames de sangue. Para resolver esta nova tarefa, tinha de viajar para uma cidade maior, aproximadamente uma hora de carro de casa. Eu não sabia ainda que, em breve, fosse conhecer uma boa parte dos hospitais e laboratórios públicos e particulares daquela cidade. Fui, voltei, fui de novo — para receber um resultado negativo. O urologista me mandou para o cardiologista, este para o ortopedista, o ortopedista para um gerontologista. Todos eles pediram exames cada vez mais caros, mais demorados. Durante cinco meses fazia filas: nos consultórios médicos, nos laboratórios, nos bancos. Passei horas e horas nas salas de espera, cada vez mais doente e desesperado, mas sem diagnóstico.

Com o tempo percebi algumas diferenças significativas entre os médicos consultados na região e aqueles que eu conhecia da Europa: Mesmo pagando uma pequena fortuna para cada consulta e mesmo marcando-as dias ou semanas antes, o paciente é obrigado a fazer a fila, porque “quem chega primeiro é atendido primeiro”. Quem mora longe enfrenta filas enormes. Único no mundo do mercado é o fato que uma consulta médica tem o mesmo preço, seja ela com diagnóstico perfeito, seja ela sem resultado nenhum. Percebi também que nos consultórios médicos não há livros medicinais. Ou o médico sabe “de cor”, ou ele manda o paciente para o próximo médico, geralmente um bom colega dele. Outro fato surpreendente é que os médicos raramente fazem perguntas adicionais sobre os sintomas. Aparentemente eles consideram o

paciente suficiente profissional no assunto que confiam na completude das informações que o paciente forneça espontaneamente e voluntariamente.

Do total de onze médicos consultados em cinco meses devido à mesma doença misteriosa, apenas dois se mostravam interessados em saber o nome da minha doença ainda desconhecida, caso que eu o descobrisse antes de morrer. Era também interessante perceber que nenhum dos médicos aceitou pagamento com cartão de crédito. Será que a Receita Federal sabe disso? Além de precisar fazer a fila em frente ao banco 24 horas, o paciente enfraquecido arrisca de ser assaltado no caminho para o médico.

Os resultados dos exames do gerontologista não apresentaram o sucesso desejado. Quem teve a ideia certa do nome da minha doença foi um amigo meu de origem indiana com quem eu tenho o costume de trocar ideias por e-mail. Ele escreveu para mim que tivera sintomas parecidos como eu; um tratamento de tuberculose trouxera o sucesso desejado. Quando comuniquei esta suspeita ao gerontologista, ele exclamou “ah, sim!” e logo depois escreveu o pedido do exame correspondente. Fui ao hospital público, mas infelizmente não havia o material necessário para o teste de tuberculose. Arrastei-me até o “melhor hospital particular da região” para fazer o exame. Depois de dois dias apareceu uma mancha vermelha enorme no lugar da injeção. Voltei ao hospital. Na recepção uma médica que foi chamada deu uma olhadela no meu braço e disse com firmeza: “Este resultado é negativíssimo!” Alguns minutos depois eu estava com um documento com este resultado surpreendente na mão. Como sou uma pessoa que dá valor às coisas bem arrumadas, tive ainda a coragem de perguntar à responsável se ela anotasse este resultado na minha carteira internacional de vacinação. Foi bom ter pedido isto. Ela respondeu que apenas o hospital público tinha permissão de fazer anotações neste documento. Com muita dor e muita raiva voltei ao hospital público e repeti o meu pedido administrativo. O leitor atento vai adivinhar: A recepcionista disse que o hospital público não pode anotar o resultado de um exame que foi feito num hospital particular. Mais uma vez eu tive sorte: Neste momento Deus mandou uma pneumologista ao meu lado. Esta olhou para meu braço e exclamou: “Mas este resultado é *positivo!*”

Com este diagnóstico comecei finalmente o tratamento, e agora estou vivo e me sinto suficiente saudável para escrever esta crônica.

Bruno Kägi 2013